

OS DESAFIOS DA EXTENSÃO RURAL NO PRESENTE⁸

José Norberto Muniz⁹

1. Significado e Determinação dos Desafios

O repensar sobre a Extensão Rural é extremamente complexo. Diferentemente das ciências específicas, a extensão rural é, antes de tudo, uma área de conhecimento, na qual podem estar implícitas diversas especificidades, tais como a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade, as disciplinaridades, as ações pragmáticas, etc. Por isso, é na identificação e delimitação dessas especificidades que os desafios adquirem maior ou menor relevância para o momento atual. Não que se admita, a priori, a tese da perda de referência da Extensão Rural. Pelo contrário, o termo desafio deve expressar a procura de alternativas para a área de conhecimento em um sistema social em mudança, mas tendo como referência a própria forma como o sistema expressa essa mudança.

Nesse sentido, as áreas de conhecimento, bem como as ciências afins, estão em constantes desafios, os quais emergem em referência aos sistemas sociais e não para os sistemas, como usualmente é concebido. Assim, os desafios emergem da referência externa à área de extensão rural e não da sua auto-referência o que permite ampliar as alternativas para a sua materialização acadêmica e profissional. Mais especificamente, essa auto-referência é aqui empregada para evidenciar um outro aspecto, ou seja, a própria tradição da extensão.

2. A Não Negação da Auto-Referência

A referência externa à Extensão Rural não expressa a negação da sua auto-referência. Pelo contrário, admite-se que a auto-referência para a identificação dos desafios não apresenta desafios, o que implica no reconhecimento da superação desses desafios apresentados à Extensão Rural ao longo dos anos dominados pelos princípios e ações da "Revolução Verde". Sob esses princípios, diferentes proposições foram elaboradas, destacando-se, entre elas, o projeto de formação extensionista (EMATER, 1987), a Extensão Rural e a problemática da pequena produção (FIGUEIREDO, 1982), a gestão e planejamento de atividades (EMATER, 1994), etc.

⁸ Texto apresentado no I Encontro sobre o Ensino da Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável da Região Sul. Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural. Abril/1996.

⁹ Soc., Ph.D., Post-Doctor. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural.

São proposições que responderam, de uma forma ou de outra, aos desafios apresentados pelo sistema social, e que não podem ser ignorados. Ou seja, com as reelaborações conceituais das ações assistenciais e da implementação das atividades de difusão de tecnologias, os produtores rurais foram adequadamente assistidos.

Essa é uma evidência obtida através dos estudos sobre difusão e adoção de tecnologias. Se consequências negativas desse processo também foram identificadas, essa é uma outra dimensão do problema, o qual reside na própria natureza da tecnologia. O fato é que as concepções associadas às atividades de Extensão Rural sempre estiveram associadas, de forma inquestionável, à tecnologia, em primeiro lugar, e ao produtor rural, como decorrência. O produtor rural sempre se constituiu no elemento final de um processo, pois a tecnologia deveria ser gerada para um segmento que expressasse o benefício público. Sem aprofundar a questão sobre a heterogeneidade desse elemento, é importante destacar como a Extensão Rural tem-se adaptado às proposições específicas.

3. A Pesquisa Agrícola Sistemática (FSR) e a Pesquisa Agrícola Participativa (PAR)

Em ambas as propostas, a institucionalização da pesquisa agrícola definiu papéis específicos para a Extensão Rural. Com relação à pesquisa agrícola sistemática, GIBBON (1994) destaca as seguintes reformulações teóricas na concepção da pesquisa, as quais tiveram implicações na concepção e na atuação da Extensão Rural:

- a) introduz-se o produtor rural no processo de geração de tecnologia: essa inserção revela, conceitualmente, a existência de necessidades específicas dos produtores rurais e a existência de sub-sistemas de conhecimento, aspectos que começam a direcionar o processo de pesquisa;
- b) enfatiza-se a familiaridade do conhecimento nativo: esse fato decorre da inserção do produtor rural no processo de pesquisa. Com isso, espera-se reduzir o hiato existente entre a geração e a adoção de tecnologias;
- c) estimula-se a utilização de estratégias participativas: essas estratégias, conceitualmente, deveriam envolver ações dos extensionistas com os pesquisadores e produtores rurais. Entretanto, elas se resumiram na interação entre extensionistas e produtores rurais, reduzindo a participação em conjunto com a pesquisa, fato que limitou a suposta aquisição da familiaridade do pesquisador com a realidade do produtor rural;
- d) introduz-se a necessidade de trabalhar com equipe interdisciplinar: essa suposição implicaria na concepção e na geração de tecnologias mais adequadas às realidades dos

produtores. Seria uma estratégia aplicada tanto na concepção como na geração das alternativas tecnológicas, o que poderia “facilitar” a difusão das tecnologias;

e) reestruturaram-se as relações no processo de pesquisa: como decorrência dos princípios anteriores, a Extensão Rural deveria envolver-se com a elaboração do diagnóstico das necessidades tecnológicas, participar dos desenhos de pesquisa, da experimentação, dos testes e da disseminação das novas tecnologias. Com isso, a Extensão Rural assumiria papéis diferentes, o que poderia permitir gerar alternativas tecnológicas adequadas para o produtor rural.

Em nível conceitual, essas proposições colocaram determinados desafios à Extensão Rural, que a direcionou para uma prática alternativa àquela que caracterizava o processo linear de difusão entre o pesquisador e o produtor rural. Assim, tanto no modelo linear quanto no circular/interativo, os desafios apresentados à Extensão foram superados. O importante é que tanto em uma situação como na outra, o modelo foi concebido para a pesquisa agrícola e não para a Extensão Rural, propriamente dita. A segunda passa a seguir a primeira, respondendo aos desafios da forma de se conceber a execução da pesquisa agrícola.

Se se considerar a pesquisa agrícola participativa, a mesma tendência é identificada. A Extensão Rural passa a ser uma concepção “*ex post*”, adaptando-se às proposições dos novos desafios, os quais passam a ser:

- a) envolver-se em novos problemas agrários, como a reforma agrária, por exemplo;
- b) fortalecer a forma organizacional e associativa de agricultores;
- c) trabalhar mais intensamente com grupos de mulheres e jovens;
- d) estabelecer novas posturas metodológicas para abordar o produtor, tais como:
 - manter o diálogo e não o monólogo;
 - admitir o produtor como o sujeito da ação;
 - considerar o saber popular como complementar ao conhecimento científico;
 - envolver-se com o processo de conscientização.

Em ambas estratégias de ação da Extensão Rural, as concepções advêm da proposta de reorganização da pesquisa agrícola. Não são propostas específicas para a Extensão Rural, mas a subministração à ciência se apresenta, principalmente, como a tecnologia da conquista e da dominação do meio ambiente (LEVINS, 1983). Nesse sentido, cabe à Extensão Rural ser informada e direcionada pela pesquisa científica e seguir a sua agenda de progresso. É dentro desses limites que as suas atividades, propostas e desafios são usualmente definidos e redefinidos. Por exemplo, a proposta de trabalho com áreas-piloto, como referência empírica alternativa para a Extensão Rural, é delineada dentro dos mesmos princípios de pesquisa para a maximização de lucros, para o aumento da produtividade, para a substituição dos recursos escassos, etc. O mesmo

se observa com relação à definição de ações voltadas para o meio ambiente. Deixa-se de considerar que: *“O esforço principal da pesquisa agrícola é a produção de mercadorias que são vendidas para os produtores rurais, tais como inseticidas, fertilizantes ou máquinas e implementos agrícolas”* (LEVINS, 1974). Se a pesquisa agrícola procura atender as necessidades reais das pessoas e do meio ambiente, ela deve possuir, conforme admite LEVINS (1974), um quadro de referência mais abrangente e uma visão complexa do mundo maior do que a biologia das plantas pode oferecer. Se esse argumentos são assumidos, é a partir deles que podem ser identificados os desafios reais que a Extensão Rural possui no presente.

4. A Ruptura da Tradição Pesquisa Agrícola-Extensão Rural

O termo ruptura não sugere o rompimento da pesquisa com a Extensão Rural, mas o rompimento das ações para a Extensão Rural derivadas dos mesmos princípios e pressupostos identificados pela pesquisa agrícola. Nesse sentido, torna-se necessário investigar, problematizar esse referencial, que até então é assumido como proposição inquestionável.

A identificação de trajetórias alternativas para a Extensão Rural deve iniciar-se pela compreensão da ciência como resultado, em parte, das questões apresentadas pela agricultura capitalista e, em parte, pela base ideológica que os cientistas compartilham entre si. Dessa compreensão, alguns aspectos sobressaem-se, como por exemplo, que a tecnologia agropecuária não é produto imediato da pesquisa; que a pesquisa pública possui peculiaridades, distintas na sua organização, negociação e interação com o sistema produtivo; que os clientes e usuários imediatos da pesquisa são diversificados, direcionados por interesses antagônicos, entre si e com os próprios pesquisadores; etc. São preocupações que resultaram, inclusive, dos estudos tradicionais sobre difusão e adoção de tecnologias. É a partir do momento que esse estudos permitiram a acumulação de conhecimentos específicos, que tornou-se possível redirecionar o objeto de análise para o sistema de C&T agropecuário, problematizando uma dimensão empírica negligenciada pela Extensão Rural.

É o desafio em envolver-se com o estudo da inovação no processo de pesquisa; da administração científica e tecnológica; do “marketing” da marca; da comunicação entre empresas e clientes; dos atores políticos e institucionais da sociedade agrária e da avaliação das intervenções científicas e tecnológicas. Como consequência, torna-se necessário capacitar técnicos em novas áreas de conhecimento, tais como, gestão e planejamento em C&T, processo de geração de tecnologias, políticas públicas, marketing e pesquisa de avaliação. Com isto, há a abrangência do campo de trabalho do profissional da Extensão Rural, afastando-se da ação

pragmática, exclusiva, com os produtores rurais, associações e comunidades rurais para atuar junto às empresas de pesquisa, institutos de pesquisa, coordenação de políticas científicas e tecnológicas e na construção de modelos de ação conjunta entre pesquisa e assistência técnica aos produtores rurais.

Enquanto há expectativas de novos papéis para os profissionais da Extensão Rural em decorrência da problematização da dimensão científica, em nível de socialização acadêmica, ensino da graduação, é oportuno a inclusão de temas emergentes. Como tal, essa proposta propiciaria a socialização dos futuros pesquisadores da área técnica para a redefinição das prioridades de pesquisa, formas de organização da pesquisa, noções de P&D imitativo, dependente, etc. É a expectativa de que essa orientação possa, a médio e longo prazos, criar um “novo” tipo de ciência e de cientista, se afastando do continuísmo à emergência de problemas imediatos e à ausência de recursos.

5. Bibliografia:

- EMATER. **Política e Diretrizes da Formação Extensionista**. Brasília: EMATER 1987.
- EMATER. **Programa de Desenvolvimento Empresarial da EMATER-MG: Gestão Empresarial**. Belo Horizonte: EMATER-MG. 1994.
- FIGUEIREDO, R. P. **A extensão rural face à problemática da pequena produção no Brasil**. Rio de Janeiro: ANPEd/CNPq. 1982.
- GIBBON, D. *Farming System Research Extension: Background Concepts, Experience and Networking*. In J. B. DENT e M. J. MCGREGOR. **Rural and Farming Systems Analysis European Perspectives**. Wallingford (UK): CAB INTERNATIONAL. 1994.
- LEVINS, R. **Genetics and Hunger**. *Genetics* 78: 67-76. 1974.
- LEVINS, R. **Applied Biology in the Third World: The Struggle for Revolutionary Science**. Convegno Internazionale Marx e le Scienze. Instituto Gramsci Siciliano. Oct. 24-27. 1983.